



MASCULINIDADES OFF SCREEN: BUCK ANGEL E AS DISPUTAS PELA VISIBILIDADE FTM NA PORNOGRAFIA.

Plynio Nava¹
Claudiene Santos²

Resumo

Este trabalho tem o objetivo de fazer uma reflexão preliminar sobre a invisibilidade transexual, enfatizando a questão das corporalidades *FTM* (*female to male*) no âmbito do cinema pornográfico, a partir do trabalho pioneiro do ator e ativista Buck Angel. Ao colocar em cena seu corpo, o ator problematiza o discurso pedagógico do cinema, questionando a dimensão biológica do corpo, disputando significados acerca da masculinidade cristalizados pelas narrativas audiovisuais e, sobretudo, utilizando o discurso pornográfico como narrativa a serviço da visibilidade de homens transexuais no contexto de uma indústria marcada pela exclusão de tais corporalidades.

Palavras-chave: FTM. Buck Angel. Pornografia.

O armário e as retóricas da (in)visibilidade


Em sua reflexão sobre o armário como dispositivo destinado à regulação da vida, a teórica Eve Sedgwick enfatiza como determinados privilégios delegados a grupos heterossexuais são assegurados através de processos de partilha desigual de visibilidades. Tal dispositivo foi responsável pelo ordenamento da vida de grupos formados por gays, lésbicas no último século, sinalizando seu estatuto ambivalente acerca de questões relativas a privacidade, revelação e conhecimento, reforçados por aparelhos e tecnologias como a publicidade, a televisão, o cinema e outros veículos disseminadores dos privilégios de grupos heterossexuais. “Numa escala mais ampla e com uma inflexão menos honorífica, a epistemologia do armário também tem sido uma produtora incansável da cultura e história do ocidente como um todo” (SEDGWICK, 2007, p. 23).

No âmbito da experiência transexual, os protocolos de visibilidade e privilégios de representação ainda encontram desafios expressivos decorrentes de uma estrutura marcada pela ausência de políticas públicas, que resvalam não somente no debate acerca das violências materiais dos quais são cotidianamente vítimas, mas no caráter invisibilizador de suas falas,

¹ Mestrando em Cinema e Narrativas Sociais pela Universidade Federal de Sergipe (plynionava86@gmail.com).

² Professora adjunta IV da Universidade Federal de Sergipe no Departamento de Biologia- DBI/UFS e docente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Cinema e Narrativas Sociais (PPGCINE) e do Pós-Graduação em Psicologia Social (NPPS)/UFS. (claudienesan@gmail.com).





experiências e representações, culminando num processo de pedagogização do olhar, marcada pela difusão de estigmas, estereótipos e lugares-comuns, que reiteram espaços de marginalização e justificam desigualdades, violências e, frequentemente, colocam em risco a própria integridade da vida destes sujeitos.

Ainda que reflita mais detidamente sobre acerca da experiência gay e lésbica nos seus estudos, é inegável refletir sobre a relevância do dispositivo do armário no ordenamento da experiência transexual, não precisamente em razão de tal comunidade gozar da possibilidade de ocultamento, mas em decorrência das implicações que a própria concepção de armário gerou na partilha desigual de visibilidades.

A pornografia feminista e a problematização do prazer visual

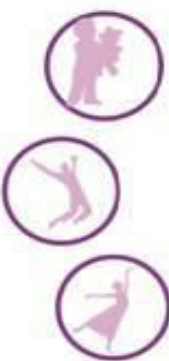
Entre o final da década de 1970 e início da década de 1980, o movimento feminista impulsionaria o debate sobre o papel das mídias como instâncias responsáveis pela objetificação da mulher. Nesta arena de discussões, a pornografia surge como um discurso veiculador de significados e fomentador de violências simbólicas e materiais, intensamente discutidas por membros de grupos como *Women Against Pornography* e *National Organization for Women*.

O debate sobre a pornografia retrata seus contestadores dentro de estereótipos sexuais e de gênero, sendo estas figuras delineadas como num esboço de um romance de Harlequin. Homens vorazes com libidos de proporções mitológicas brutalizam sem dó mulheres inocentes como vítimas sem esperança de sua luxúria; enquanto a feminista anti-pornográfica assume a pose de uma vítima sacrificial, a barreira a uma onda de sexualidade masculina que sempre contem a ameaça da violência (CORNELL, 2006, p. 141).

Na contramão da forte repercussão social gerada por essas organizações, uma coalização formada por prostitutas, atrizes pornográficas e outras representações femininas estabelecerá um contraponto às reivindicações de censura de feministas radicais em conclusão com representações políticas, religiosas e membros da sociedade civil, definindo os contornos iniciais de um movimento pró-sexo constituído por uma ala mais progressista do movimento feminista.

Para os membros desta coalização, a pornografia emerge como discurso veiculador do desejo, território de politização do corpo e ferramenta a serviço da promoção de pedagogias sobre a sexualidade, que culminaria no surgimento da pornografia feminista, uma releitura das representações sobre o desejo que institucionalizaria o olhar da mulher como fonte produtora de representações que disputariam espaço na conflituosa arena de significações em que o imaginário masculino ocupava lugar privilegiado.





Como gênero pornográfico ao mesmo tempo estabelecido e emergente, o pornô feminista utiliza imagens sexualmente explícitas para disputar e complicar as representações dominantes de gênero, sexualidade, origem étnica, classe, capacidade, idade, tipos de corpo e outros marcadores da identidade. O *Pornô feminista* explora os conceitos de desejo, agência, poder, beleza e prazer nos limites mais confusos e difíceis, incluindo o prazer dentro e através da desigualdade, frente à injustiça e contra os limites da hierarquia de gênero, assim como da heteronormatividade e da homonormatividade. Busca desestabilizar as definições convencionais de sexo, e expandir a sua linguagem como atividade erótica, expressão de identidade, intercâmbio de poder, patrimônio cultural e inclusive como novo âmbito político (TAORMINO *et al.*, 2016, p. 10).

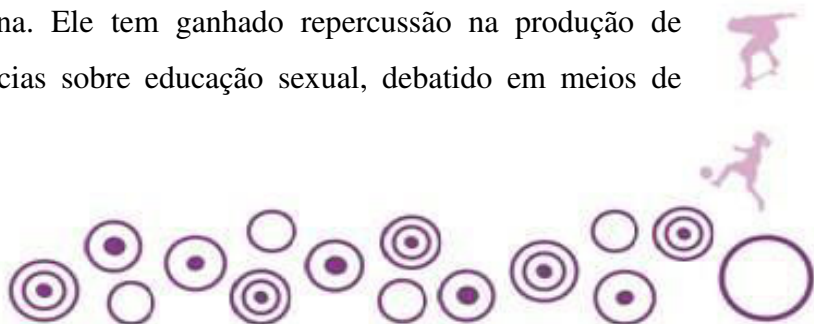
Com a pornografia feminista, políticas do desejo ampliariam o foco de abordagens sobre o prazer feminino, incorporando o protagonismo de mulheres lésbicas, de grupos heterossexuais dissidentes, da comunidade transexual e de outras identidades de gênero, dispostas a ampliar as potências do desejo e reabilitar o caráter revolucionário do sexo que foi perdido com a cooptação das narrativas pornográficas pelos ditames do mercado.


É dentro deste contexto de crítica às narrativas hegemônicas, propiciadas pelas políticas de auto-representação pornográfica, que a visibilidade transexual dá seu ponto de partida, trazendo, desta vez, o deslocamento do olhar masculino e heterossexual na construção de produções audiovisuais, projetando o desejo transexual como vetor de diálogo entre obra e público, e ampliando o panorama de representações sexuais.

No entanto, um detalhe acerca dessas representações dissidentes parece emergir como um elemento díspar no bojo das transformações propiciadas com os novos rumos da pornografia feminista: a forte invisibilidade conferida a representações de homens transexuais no cinema pornográfico. Se as conquistas de identidades transexuais masculinas ainda são diminutas na promoção de seu reconhecimento, assistência e direitos básicos, mais reduzido é o debate em torno de seu desejo, da fruição de suas representações e da investigação sobre o prazer visual nas narrativas audiovisuais. “Com notáveis exceções, as representações sexuais explícitas de corpos trans *FTM* eram escassas e infrequentes até pouco tempo. Esses mesmos corpos tornaram-se conhecidos ainda muito pouco, pelo menos no sentido público e representacional, como corpos sexuais”. (NOBLE, 2016, p. 477).

Buck Angel, um homem com vagina

Nascido na Califórnia, Buck Angel é conhecido por ser uma das primeiras estrelas pornô transexuais *FTM* (*Female to Male*). Com seu corpo coberto de tatuagens, careca e com bigode, Buck é um homem com vagina. Ele tem ganhado repercussão na produção de documentários, participado de conferências sobre educação sexual, debatido em meios de





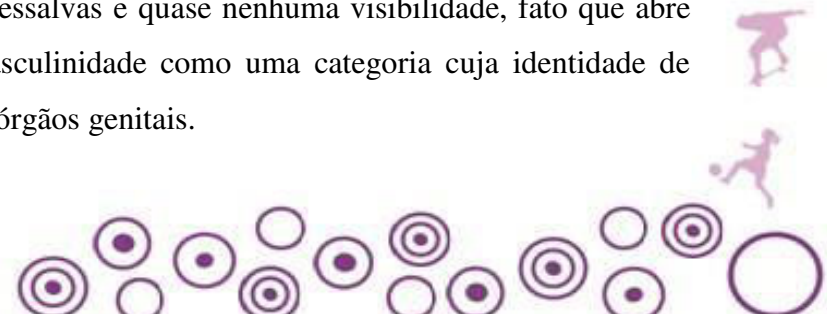
comunicação a experiência de homens transexuais e, sobretudo, esboçado um panorama novo acerca da visibilidade transexual.


Primeiro homem a ganhar um prêmio de melhor intérprete transgênero na edição de 2007 do AVN, prestigiada premiação dedicada a filmes pornográficos, o trabalho de Buck Angel reflete os anseios de uma comunidade formada por vários artistas, realizadores e produtores em ampliar o foco de representações de corpos, prazeres e práticas sexuais no âmbito pornográfico: O Pós-Pornô. Nascido em meados da década de 1980, o movimento nasce na Europa e dissemina-se por várias partes do globo influenciados pela teoria *queer*, pelo feminismo pró-sexo e pelas subculturas gays, trazendo para as territórios da literatura, performance, audiovisual e outros campos de expressão a reabilitação de uma erótica livre dos imperativos de prazer culturalmente institucionalizados e difundidos pela pornografia comercial.

No pós-pornô, a dissidência sexual toma a palavra e constrói seus próprios relatos sem a intermediação de uma voz exterior que fale por ela; nesta apropriação do discurso pornográfico, é colocada em prática uma *autodesignação* positiva e reivindicativa, que é uma das chaves do caráter político da enunciação pós-pornô. (MILANO, 2014 p. 16).

Dinamitando as políticas de prazer visual colocadas prioritariamente a serviço de um olhar heterocentrado e objetificador, o pós-pornô dialoga sexo e arte, proclamando a emergência da ampliação das esferas do desejo e instaurando um regime de obras audiovisuais marcado pela emergência da auto-representação num contexto de produções em série marcadas pela cristalização do trinômio sexo-gênero-sexualidade. Investindo em corporalidades *genderqueer*, gordos, deficientes físicos e outros corpos negligenciados pela indústria pornográfica *mainstream*, o pós-pornô aposta numa sexualidade alternativa para investigar limites do corpo, as fronteiras entre dor e prazer, realidade e fantasia, organismo e cibernética, colocando em cena um catálogo de práticas sexuais alternativas, como *bondage*, dendrofilia, gerontofilia, sexo com plantas, robôs e outras experimentações sexuais, como tentativas de ampliação do horizonte de possibilidades de exploração do prazer, práticas reiteradamente utilizadas nas performances de Buck Angel.

Mas é no contexto da produção voltada ao entretenimento adulto que o trabalho de Buck Angel tem gerado grandes debates. Numa indústria que ao longo dos anos tem sofrido abruptas transformações nas formas de produção, difusão e consumo, a corporalidade de homens transexuais ainda é vista com ressalvas e quase nenhuma visibilidade, fato que abre precedentes para discussão sobre a masculinidade como uma categoria cuja identidade de gênero ainda está fortemente ligada aos órgãos genitais.





Ainda que o debate propiciado pelos estudos *queer* tenha colocado em questão a conformidade entre os marcadores do sexo, gênero e sexualidade como protagonistas no processo de subjetivação dos indivíduos, e mesmo a própria indústria pornográfica tenha refletido a grande disseminação de conteúdos pornográficos protagonizados por atrizes transexuais, é no epicentro do debate em torno de uma legitimidade masculina reiterada pela homologação do pênis, que se cristaliza na cultura – e se reflete no audiovisual – um domínio marcado pela invisibilidade dos corpos transexuais masculinos. “A negatividade e ódio desencadeado pela minha pornografia veio principalmente de homens biológicos, creio que talvez devido à sua identificação com a ideia de que “o pênis faz o homem””. (ANGEL, 2016 p.440).

Tentando esquivar-se das críticas que oscilam entre membros da comunidade trans e homens cisgênero, Buck traz consigo uma percepção da pornografia que não se restringe unicamente aos domínios da satisfação sexual, mas como um discurso alinhado com uma orientação pedagógica, que deseja discutir sobre os imperativos sociais que insistem em definir identidades com base em evidências genitais.


Além desta perspectiva, a disputa pela visibilidade de seu corpo num universo ainda marcado por categorizações tão engessadas de masculino e feminino torna a presença de sua vagina um signo-interpretante das demandas por representação num espaço tão pouco afeito à presença de homens transexuais. Tal disputa traz consigo efeitos positivos, uma vez que o discurso sobre prazer, empoderamento e visibilidade de seu corpo encoraja outros homens transexuais a explorar seu desejo e desconstruírem a herança cultural que permeia a ideia do sexo como um destino marcado pelos genitais.

Promovo a ideia de que ter uma vagina é algo poderoso, sem importar a que corpo ela está unida. Inspiro muitos homens trans que têm vaginas a se sentirem seguros para explorar e desfrutar do sexo. Mostro ao público que tios como nós existimos, e que somos sexies e sexuais (ANGEL, 2016, p. 441).

No clássico ensaio *Tecnologia de Gênero*, Teresa de Lauretis (1994) coloca em pauta a discussão sobre as representações, na tentativa de expor as estratégias e possibilidades de desconstrução do gênero. Em sua exposição, que traz a forte influência dos meios de comunicação na elaboração do gênero, a autora toma de empréstimo das teorias do cinema o conceito de *space off*, para discutir o espaço extra-fílmico, localizado na periferia do discurso hegemônico, como território de resistência fora da representação, no qual a concepção de gênero perpetuada na cultura é colocada em questão.

Se no discurso pornográfico, a cristalização dos ideais de masculinidade tornaram o pênis o epicentro de reconhecimento dos corpos dos homens ali representados, é neste





domínio fora de cena que Buck Angel promove um conflito pautado pela representação de seu próprio corpo como uma instância agenciadora de novos significados e questionadora da ordem que torna a categoria homem como refém de um órgão genital.

Embora ainda caminhe a passos lentos, a produção de masculinidades transexuais tem provocado uma intensa reviravolta no âmbito da produção pornográfica contemporânea, uma vez que desconfigura verdades institucionalizadas acerca da representação do homem como um corpo fálico que adentra o imaginário dos espectadores, decupado em *close ups*, que traduzem sua identidade através de *inserts* de pênis eretos, ejaculando sobre os corpos em cenas que conectam hapticamente o espectador e promovem pedagogias que influenciam diretamente a construção de sua identidade.

Desse modo, colocar em cena a sexualidade de Buck Angel e refletir sobre os prazeres *FTM* no cinema pornográfico é uma atitude que visa desarticular as noções engessadas sobre representações de gênero no audiovisual, questionando a mitologia que essencializa práticas e desejos no território pornográfico, ao expor a integração da vagina de Buck Angel como epicentro de um conflito desconstrucionista em torno da masculinidade.

Referências

ANGEL, Buck. El poder de mi vagina. *In*: TAORMINO, Tristan *et al.* (Ed.). **Porno Feminista: las políticas de producir placer**. Espanha: Editorial Melusina, 2016.

CORNELL, Drucilla. A Tentação da Pornografia. *In*: GREINER, C; AMORIM, C (Org.). **Leituras do Sexo**. São Paulo: Annablume, 2006.

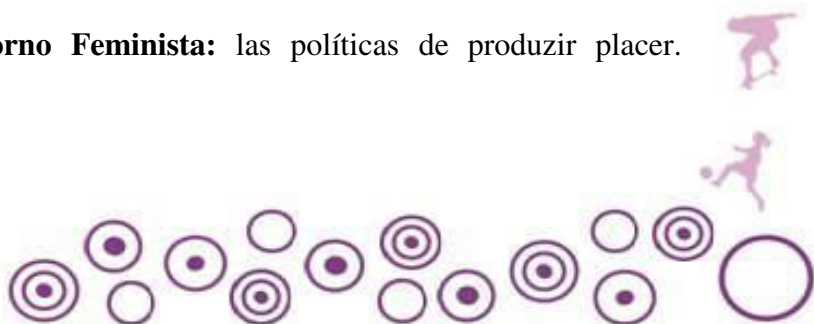
De LAURETIS, Teresa. A tecnologia do gênero. *In*: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MILANO, Laura. **Usina posporno: dissidência sexual, arte y autogestión en la pospornografía**. Buenos Aires: Título, 2014.

NOBLE, Bobby. Conocer el miembro: penetración y los placeres de los hombres trans del porno feminista. *In*: TAORMINO, Tristan *et al.* (Ed.). **Porno Feminista: las políticas de producir placer**. Espanha: Editorial Melusina, 2016.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 28, p. 19-54, 2007.

TAORMINO, Tristan *et al.* (Ed.). **Porno Feminista: las políticas de producir placer**. Espanha: Editorial Melusina, 2016.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

